

ISSN 2318-3985  
Volume 7 Número 13  
Jan - Jun 2019



**A VIOLÊNCIA COMO ELO DE CARÁTER  
SIMBÓLICO ENTRE OS JOVENS NAS RELAÇÕES  
SOCIAIS DENTRO DAS ESCOLAS**

Fernando Diehl

# A VIOLÊNCIA COMO ELO DE CARÁTER SIMBÓLICO ENTRE OS JOVENS NAS RELAÇÕES SOCIAIS DENTRO DAS ESCOLAS

**Fernando Diehl**

Doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), É bolsista Capes, pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa Identidades Étnicas e Racismo.

**RESUMO:** Este artigo pretende trazer uma análise e descrição acerca da violência como um elo social de caráter simbólico presente nas relações sociais cotidianas dos jovens dentro das escolas, através de processos de socialização tanto internos na escola como externos. Partindo de pressupostos de considerar as relações sociais como formadoras de signos, a pesquisa pretende apresentar que, demonstrando a violência como uma construção social entre os sujeitos em interação, ela também pode ser erradicada a partir dos processos de socialização dos jovens com demais sujeitos e grupos sociais.

**Palavras-chave:** Escola; Interação Social; Juventude; Violência.

A escola é considerada um dos primeiros espaços de socialização que os indivíduos vão passar - após a família - portanto a escola é a primeira instituição social fora da família nuclear, “a escola deve ser um lugar de ruptura com o meio de origem e de abertura ao progresso” (TOURAINÉ, 2009, p. 20). Devo salientar que este trabalho não visa analisar o processo histórico e estrutural em que a escola passou e tem passado, mas compreendê-la como um espaço em que ocorre uma socialização entre os atores pertencentes aquele local, compreendendo como se desenvolvem as violências dentro das interações entre os atores que frequentam aquele local e como esses símbolos da violência são construídos e conseqüentemente, modificados através da interação social.

A escola é a instituição em que ocorrem interações entre diversos atores como os alunos, professores, funcionários, pais e membros da comunidade em que a escola encontra-se inserida, a escola não é uma estrutura estática, imóvel, eternamente igual, mas sim um espaço vivo em constante modificação, “Os modos de vida dos sujeitos em interação, dentro do cenário escolar, fornecem as trocas materiais e simbólicas, criando as condições necessárias para que os processos sociais encontrem expressão possível” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 112).

A escola está constantemente se modificando pelo processo de socialização realizada pelos atores que nesse local que circulam e interagem, “embora haja uma percepção crítica sobre a escola como espaço de aprendizagem, esta também se sobressai no imaginário dos alunos como lugar apreciado por outros atributos [...] a escola aparece, também, como um local privilegiado

de socialização, formação de atitudes e opiniões e desenvolvimento pessoal” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 125), então a interação existente na escola fornece “as trocas materiais e simbólicas, criando as condições necessárias para que os processos sociais encontrem expressão possível” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 127), ou seja, diversos símbolos são gerados nas interações que ocorrem no espaço escolar, novos sentidos são gerados nessa interação.

Pode-se constatar que a educação é um fenômeno social e universal, por educação não está sendo referido necessariamente como uma instituição (a escola), mas sim o processo de socialização que ocorre dentro da escola, assim como o processo de ensino, transmissão de signos e símbolos para os jovens adquirirem quando entrarem na vida adulta estarem prontos para interagirem com os demais sujeitos. O *script* da sociedade é dado na escola, aonde os alunos vão ensaiando seus papéis para quando assumirem suas futuras funções. A escola produz “um amplo universo simbólico que estimula configurações de sentidos e significados, possibilitando, desse modo, a constituição da subjetividade e a construção das identidades” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 112). Pode-se dizer que a escola é um local para a produção de um universo simbólico, gerando sentidos para os atores envolventes realizarem suas ações sociais, criando identidades e outras formas de subjetividade entre os atores envolvidos neste espaço de interação.

Porém, atualmente:

[...] percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças com o aumento das dificuldades cotidianas, que provêm tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas quanto da efetiva desorganização da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, a crise e o conflito de valores e o desemprego (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 78).

Uma parte dos jovens não vê hoje a educação como uma ferramenta de ascensão social, uma vez que “a promoção social por meio da educação serviu por muitos anos como folha de parreira para a desigualdade nua e imoral das condições e expectativas humanas” (BAUMAN, 2013, p. 64). Porém, essa visão não condiz mais para muitos jovens, hoje a expansão da instituição escola para as demais camadas sociais desencadeou na criação de uma escola que deixa visível as desigualdades existentes na sociedade, muitas vezes sendo a escola quem reforça essas desigualdades.

É importante lembrar que a escola é uma construção social, gerada a partir dos signos e símbolos que surgem na ação de interação entre os sujeitos,

se essa perda de significado tem surgido, é devido às mudanças de símbolos nas ações entre os sujeitos, ou seja, são os fatores externos (toda a esfera social) que tem influenciado nessa mudança de visão do que significa a escola. A relação dos alunos com os professores é também apontada como um dos grandes problemas existentes na escola (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 79). Outro fator externo a ser destacado é a valorização simbólica de heróis que ascenderam socialmente, figuras que abandonaram os estudos, tornando-se figuras a inspirar os mais jovens:

Lembre-se de que todos ou quase todos os heróis contemporâneos das histórias de ascensão social – sujeitos que fizeram fortunas de bilhões de dólares a partir de uma única ideia feliz e de uma oportunidade auspiciosa, as encarnações atuais da ideia de uma vida de sucesso, de Steve Jobs, fundador da Apple, a Jack Dorsey, inventor do Twitter, e David Karp, fundador do Tumblr -, todos, sem exceção, se evadiram do sistema educacional. (Karp bateu o recorde por não ter passado um único dia no colégio após abandonar o ensino médio no primeiro ano). Damien Hirst, outra encarnação do sucesso instantâneo, que leva a uma fortuna fabulosa, um ídolo da “Britart”, a variedade mais lucrativa da atual produção artística na Grã-Bretanha, confessa sua surpresa diante do que se pode conseguir com notas medíocres nas escolas de artes com um pouco de sorte e uma serra (BAUMAN, 2013, p. 38).

Com isso eles estão dizendo simbolicamente que os heróis, as pessoas que ascenderam e cresceram na vida, abandonaram os estudos. Ora, tal atitude gera nos jovens signos de questionar a importância da escola como instituição e até que ponto a ascensão social será adquirida com a escola.

Outro fator a ser destacado é que a escola hoje não reconhece muito da cultura que o jovem adquire e recebe fora dela própria, “a cultura escolar não tem demonstrado receptividade à linguagem e às várias formas de expressão juvenil” (ABRAMOVAY, 2008b), uma vez que “os jovens possuem valores, ideias, conhecimentos que não têm coincidido exatamente com o que se ensina na escola, sendo que as diferenças se tornam ainda maiores quando a escola se fecha ao diálogo com eles” (ABRAMOVAY, 2008b). Pois, muitas vezes, a escola está fechada em regras e formas de como vai desenvolver o ensino, deixando de lado símbolos que os jovens reconhecem em seu cotidiano, “as regras e normas se convertem em problemas que geram conflitos e violência, já que são pouco compreendidas na medida em que não se dialoga e se desconhece como se dão as relações sociais na escola tanto entre os pares como os adultos” (ABRAMOVAY, 2008b).

Outro fenômeno a se destacar é o de exclusão social, “A exclusão dos jovens, em particular das classes de trabalhadores e de setores populares, leva também ao desencanto em relação ao valor da escolaridade” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 34). Vale salientar que “a escola ainda afigura-se aos estudantes tanto como uma efetiva via de acesso ao exercício da cidadania como, ao contrário, um mecanismo de exclusão social” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 125), pois a escola deixou de ser um campo protegido para se tornar um território em que proliferam conflitos e exclusões.

A escola possui duas faces, na mesma instituição ela serve como mecanismo de exclusão assim como também o exercício de construir a cidadania, não devemos ter uma visão apocalíptica de que a escola está condenada e nada mais pode ser feito, pelo contrário, mas também não podemos ocultar a existência de desencanto com a escola como instituição, a ascensão social pela educação e a violência dentro da escola, como muitos tentam fazer. Compreender que existe essa atual insegurança dentro da escola é a primeira motriz para agirmos em prol de uma mudança, pois a sociedade na verdade é a interação de indivíduos, então se os indivíduos constroem seus símbolos e instituições a partir de sua interação, eles podem vir a modificá-las criando novos significados e símbolos.

Por fim, destaca-se que “a escola não seria mais representada como um lugar seguro de integração social, de socialização, não é mais um espaço resguardado; ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 78). Vem-se constatado que “as escolas – espaços propícios aos processos de socialização e integração social – vêm tendo que administrar os conflitos gerados por diferentes formas de violência” (ABRAMOVAY, 2008a, p. 8).

A partir do sistema escolar os jovens desenvolvem habilidades, criam relações sociais, colaboram na formatação de suas identidades. No entanto, a escola é também o local de produção e reprodução de violências nas suas mais variadas formas, na medida em que seu modo de organização acaba impossibilitando que ela cumpra o seu papel, que é o de formar crianças e jovens. “As violências têm impactos objetivos sobre a qualidade do ensino” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 81), essas violências que muitas vezes são potencializadas por estarem presas a uma rede de relações sociais em um sistema hierarquizado extremamente rígido, a violência se torna um recurso para a superação dos problemas oriundos desta interação, já que “a escola é também locus de produção e reprodução de violências nas suas mais variadas formas, na medida em que sua estrutura, seu modo de organização, acaba impossibilitando que ela cumpra o seu papel, que é o de formar, de maneira positiva, crianças e jovens” (ABRAMOVAY, 2008b).

Sobre o caso escolar é importante compreender o desenvolvimento da interação entre os atores, pois em um ambiente em que prevalece a violência, alunos, professores e demais integrantes da comunidade escolar podem estabelecer uma relação de distanciamento com a escola, gerando assim um sentimento de falta de pertencimento, podendo levar a atos como o abandono escolar. Esse sentimento de não pertencimento dentro da escola pode desenvolver um sentimento de insegurança, ao mesmo tempo em que podem dar margem à proliferação de atos e episódios de violência, além é claro o fato de que “quase metade dos alunos sustenta que as violências no ambiente escolar fazem com que não consigam se concentrar nos estudos” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 84).

A violência perpassa todas as relações sociais na escola, ou seja, ela não ocorre apenas entre os alunos, ou em casos de alunos e professores, mas todos estão envolvidos, funcionários e pais também. A escola não cria a violência em si, mas é o espaço onde a violência ocorre, seja por fatores externos ou internos, quando é interno - vale salientar que é devido aos símbolos criados pela interação entre os indivíduos, portanto, não é a instituição escola que gera a violência- porém, “algumas escolas são historicamente violentas, enquanto outras passam por situações conjunturais de violências” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 85), portanto, a análise da micro-histórica da escola é importante ser pesquisada e compreendida.

A violência pode se tornar um fenômeno do cotidiano na realidade das escolas, refletindo no sentido que os atores dão para a escola, percebe-se que a instituição escolar vem enfrentando profundas mudanças, que originam-se tanto dos problemas de gestão e das suas próprias tensões internas quanto da interação da ordem social, que se expressa mediante fenômenos exteriores à escola, como a exclusão social e institucional, o desemprego e outros fatores. A violência repercute na qualidade do ensino e o grande problema é que muitas vezes ela se torna banalizada pelas pessoas ao redor envolvidas, mas que não estão envolvidas diretamente. Depois desse levantamento inicial sobre a educação, será descrito o conceito de violência e descrição dela dentro da interação entre os jovens nas escolas, já que a “violência, desumanidade, humilhação e vitimização desencadeiam [...] verdadeiros nós górdios rigorosamente resistentes à ruptura ou ao corte, por mais afiada que seja a espada que se empunhe” (BAUMAN, 2013, p.14). Também por outro lado, deve ser destacado que a violência muitas vezes pode ser associada a uma ruptura, uma mudança, no âmbito da subjetividade pode ser a mudança de um jovem que adere uma nova identidade, novos símbolos e personalidade.

É importante salientar que “o aumento dos problemas sociais, como o avanço da delinquência, impele o sujeito a buscar responsáveis e vive-se em estado de medo, que fomenta o preconceito e a intolerância” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p.47), isto é um dos fatores desencadeantes de uma

grande expansão de ações violentas. Cabe, portanto ao pesquisador interpretar como os atores dentro da escola constroem a realidade de socialização deste espaço, uma vez que “por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 75).

Agora será abordado a questão da violência, pois é um tema que diariamente os noticiários apresentam matérias sobre tal prática nas mais diversas esferas da sociedade. A violência encontra-se no cotidiano das pessoas, em suas conversas normalmente é relatado algum tipo de violência, seja ela física, simbólica ou outras formas de violência, “até mesmo um pequeno grupo de pessoas que se encontrem apenas ocasionalmente terá de criar seus mecanismos de controle para que o grupo não se desfaça em muito pouco tempo [...] Até mesmo nas polidas sociedades das modernas democracias, o argumento final é a violência” (BERGER, 2011, p. 81), pode-se então dizer que é um fenômeno social recorrente para muitas pessoas, pois a violência encontra-se em todas as camadas sociais, todos os grupos sociais de alguma forma realizam ou sofrem alguma espécie de violência, visto em consideração que “a violência não mais se restringe a determinados nichos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos, ela tornou-se um fenômeno sem voz e rosto que invade o cotidiano” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 3), embora muitas vezes ainda no senso comum se crie um estereótipo da violência, associando ela à miséria, questão de classe ou coisa parecida, a violência não acontece apenas em uma classe social, ela é algo vivenciado de formas diferentes em diversos grupos sociais pois “a violência que mata e sangra seria marca dos tempos atuais e não peculiar de uma classe” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 44).

Especificamente no caso brasileiro “a violência está intimamente ligada à condição de vulnerabilidade social de certos extratos populacionais, como por exemplo os jovens” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 2), destaca-se também o fato de que “em suas diversas facetas, é tema especialmente analisado, com ênfase em significados” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 20), por isso a importância de compreender os significados (sentidos) gerados pela violência durante a ação social dos jovens, pois “há uma pluralidade de elementos que os jovens incluem nas suas concepções de ação violenta” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 98).

Geralmente a violência é conceituada como um ato de brutalidade físico ou psíquico contra outro indivíduo, todavia:

[...] para muitos atores sociais, alguns dos signos da contemporaneidade são a insegurança, a impotência e o medo de que os mais diversos tipos de violência os atinjam, quer como membros de uma coletividade, quer no plano da vida privada, desestabilizando individualidades (ABRAMOVAY, 2008a, p. 7).

Com isso, pode-se afirmar que “magoar, agredir por meio de palavras e atitudes, comportamentos que os jovens consideram ‘falta de respeito’, já seriam, para eles, formas de exercer violência” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 98). Portanto, a violência é um fenômeno complexo e múltiplo, e tem gerado cada vez mais um papel de destaque no mundo contemporâneo, “a violência é ressignificada segundo tempos, lugares, relações e percepções, e não se dá somente em atos e práticas materiais” (ABRAMOVAY, 2008a, p. 7), seu conceito está em constante mutação, pois a violência é ressignificada segundo tempo, lugar, relação e percepção dos atores.

Os símbolos não são estáticos, logo a violência vai se ressignificar a medida que o sentido vai sendo modificado na ação social dos sujeitos, portanto, a violência vai depender do ponto de vista dos sujeitos, “a conceituação ampliada possibilita abarcar a variedade de manifestações e contornos que a violência assume” (ABRAMOVAY, 2008a, p. 8). Então, o que muitas vezes é caracterizado como violência “varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala (professores, diretores, alunos...), da idade e do sexo; sendo, portanto, uma conceitualização *ad hoc* mais apropriada ao lugar, ao tempo e aos atores que a examinam” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 95).

Pode-se denominar a violência como 1) *violência física*: é aquela que gera ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismo, droga, tráfico, violência sexual, humilhações e em casos extremos pode até matar, a “violência física como a intervenção de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) indivíduo(s) ou grupo(s) e também contra si mesmo. Tal definição abarca desde os suicídios, espaçamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito (camuflada sobre o nome de ‘acidentes’) e todas as diversas formas de agressão sexual, ou seja, ela é a violência que se encontra no código civil” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 2), é também a “intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou grupo(s) e também contra si mesmo” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 73). Porém, é importante salientar que não é só a agressão física que é merecedora de atenção, já que outros tipos de violência podem ser traumáticos e graves, sendo recomendado escutar as vítimas e a comunidade acadêmica, para construir noções sobre a violência mais afins às realidades experimentadas e os sentidos percebidos pelos indivíduos (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 96),

Além da violência física, os jovens enfrentam vários tipos de preconceitos, o que significa que são vítimas não somente de uma violência física como também de uma violência que não mata, mas muitas vezes, fere e muito profundamente que é a simbólica e a moral (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 49).

Nisto entra o outro tipo de violência, 2) a *violência simbólica*, que seria a violência que se mostra nas relações de poder, abuso do poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade; verbal; e institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder)” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 74), na violência verbal entre professores e alunos, por exemplo, ela ocorre através de um poder que não se nomeia, que dissimula as relações de força e se assume como conivente, a “violência simbólica refere-se ao abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade, como a violência verbal e também a violência institucional marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 2), pode-se dizer que a violência simbólica tem por efeito estabelecer a legitimidade de um discurso.

Então, a violência simbólica tem um poder de subjugar, esse poder impõe um conteúdo (signo), o grande problema gerado pela violência simbólica, é o sentido de gerar uma falta de pertencimento à escola, as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos demais alunos (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 95).

As violências no cotidiano “também passam pelas incivildades – humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito –, pela violência verbal, pelas humilhações e pelas várias exclusões sociais vividas e sentidas em nossa sociedade. Tendem, muitas vezes, a naturalizar-se, a tornar ‘sem importância’ nas ligações entre pares de alunos, professores e outros funcionários, demandando o exame desses e de outros laços sociais” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 77). Como um todo é importante salientar que “a violência deixa de estar relacionada apenas com a criminalidade e a ação policial, passando a ser alvo de preocupações ligadas à miséria e ao desamparo político, uma vez que acarreta novas formas de organização social relacionadas com a exclusão social e institucional e com a presença de atores em situação de ‘não integração’ na sociedade” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 97).

Muitas vezes a ação da polícia pode ser desencadeadora de futuros jovens violentos, visto que “a violência policial é um indutor, ou produtor, de sujeitos violentos, tornando os jovens pela revolta, agentes de violências” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 53). A violência muitas vezes surge já no âmbito familiar, “a violência doméstica seria um elemento desencadeador do que poderia ser denominado cadeia de violências ou reprodução de violências” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 52), assim

como “a exposição a atos de violência no âmbito doméstico destruiria a autoestima dos jovens, que se encontrariam inseguros, sem referências, já que os pais seriam os agressores, seus algozes” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 51). Com todos esses fatores pode-se dizer que, “exclusões, violências várias correm a autoestima, minam vontades e reproduzem violências, sendo que, em muitos casos, enredam os jovens como vítimas e como agressores” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 59). Então, muitas das violências que ocorrem na escola, tem sua origem em fatores externos a ela, que envolvem o cotidiano do jovem, seja por exemplo, no caso da ação policial, agressão sofrida em casa, na rua, com outros sujeitos gerando símbolos e significados nos jovens que encontram a resposta para tudo na violência e com isso levam ela para dentro da escola, com se tornando em pessoas violentas.

Nesta compreensão do viver social é demonstrado que é na interação que os símbolos da violência originam-se e desencadeiam-se em ações violentas, ou seja, não é a escola como estrutura social o fator que desencadeia a violência, mas os símbolos gerados através do sentido da ação dos atores que estão na escola realizando suas interações e representando seus papéis, embora não se pode negar que existam ocorrências de que fatores internos da escola como sendo os desencadeadores da violência (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 72), então de uma maneira geral as ações de violência costumam ser decorrentes de conflitos pré-existentes entre os alunos, sejam esses conflitos originados dentro ou fora do espaço escolar. Também se deve destacar que “existem vários exemplos de violência institucional, como, por exemplo, alunos que relatam que há professores que têm dificuldade de dialogar com eles, humilhando-os e ignorando completamente seus problemas, não querendo nem sequer escutá-los” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 74). O que especifica a violência é o desrespeito, a negação do outro, a violação dos direitos humanos que se soma à miséria, à exclusão, à corrupção, ao desemprego, à concentração de renda, ao autoritarismo e às desigualdades presentes na sociedade brasileira (SILVA e SALLES, 2010), “A violência e a vulnerabilidade social são fenômenos que vem se acentuando no mundo contemporâneo” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 1). Também deve-se destacar a indiferença que algumas pessoas têm com a violência, pois “a naturalização da violência acarreta uma sensação de impotência para lidar com a realidade. Os indivíduos, destituídos de força para agir, não percebem a capacidade que têm para modificar a si próprios e ao mundo” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 46), com isso banalizando a violência, que “deixou de ser um componente de excepcionalidade e se disseminou a tal ponto que se naturalizou, se banalizou” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 47), com isso “a situação banal da violência torna-se um forte aliado para sua precipitação” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 46).

Ao invés do questionamento e da interrogação, o que temos é uma grande parcela da população indiferente ou com medo e até mesmo conivente com práticas que usam da violência com o intuito de ‘apaziguar’, justificando uma ação violenta com outra ação violenta (como no consentimento velado, por parte da população, diante do tratamento cruel que alguns policiais dão aos que transgridem a lei – os ‘bandidos’ – ou ainda com o assentimento dos ‘justiceiros’ em suas ações) (OLIVEIRA e MARTINS, 2007).

Assim, a falta de pertencimento à escola, pois muitas vezes “o foco do problema não se encontra, como muitas vezes aparece, nos jovens, senão na distância que os jovens têm da escola, de seus pares, considerados por eles mesmos como indisciplinados” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 79) pode ser modificada com novos signos criando junto aos jovens um sentimento de pertencimento à escola.

Embora não possamos dizer uma data ao certo quando a violência começa se tornar uma prática do cotidiano nas escolas, sabemos que houve um aumento da violência a partir do surgimento das sociedades industrializadas ocidentais, pois a própria violência foi um fator gerador fundamental de tais sociedades (SEBASTIÃO et al, 2003). A violência abrange “dimensões do cotidiano e dos relacionamentos sociais entre alunos, professores, diretores, pais e demais adultos que participam da comunidade escolar” (ABRAMOVAY, 2008a, p. 8), mas não pode ser reduzida ao plano físico, podendo se manifestar também por signos, preconceitos, metáforas e desenhos (SILVA e SALLES, 2010), conforme descrito anteriormente.

Assim como nos demais espaços sociais, a escola é um local de socialização, na qual os indivíduos participantes se encontram para se relacionar, interagir, criar novos signos, porém a escola tem o diferencial de que é o espaço apto para preparar os jovens a integrarem na “sociedade” ou “vida adulta”, sendo a instituição de “preparação dos jovens”, por isso que “a violência não pode ser vista como uma característica do sistema escolar” (ABRAMOVAY, 2008a, p. 10), mas de toda sociedade, sendo a escola o espaço físico em que a violência ocorre. Com isso a escola se torna na verdade um local da reprodução da violência existente na sociedade.

Da mesma forma que a violência surge na interação a partir de símbolos, ela também pode deixar de existir a partir de novos símbolos, pois da mesma forma que a violência é construída na dinâmica das relações sociais, ela pode – e deve – ser desconstruída, o que é possível por meio de ações sociais pelos sujeitos dentro e fora da escola, gerando novos sentidos para a ação

social dos jovens. Uma vez que as instituições tradicionais de sociabilidade da contemporaneidade não oferecem respostas suficientes para preencher os desejos e expectativas dos jovens, eles constroem novos símbolos muitas vezes tendo seu sentido desencadeador da violência, nessa questão é importante dar destaque que entram fatores cuja sociabilidade principal é a “transgressão” do que costumamos chamar de atos de incivilidade, levando-os, inclusive, a optar pelo tráfico de drogas ou pelo crime, saliento que “entre as diversas manifestações de violência, que são trazidas de fora para dentro das escolas, tornando-as ‘sitiadas’, destacam-se as gangues e o tráfico de drogas” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 142), uma vez que “os jovens passam a protagonistas e vítimas da violência. A relação de dominação perpassa o cotidiano desses jovens que buscam no grupo, e muitas vezes no tráfico de drogas, um lugar de destaque” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 47).

Existem diversos fatores para a compreensão do envolvimento do jovem com o tráfico, seja a exclusão social, falta de referência familiar, vida difícil, por isso que muitas vezes o traficante adota o jovem, pois ele consegue entrar “no mundo” simbólico do jovem, gerando sentido e dando signos para ele, fazendo com que o mesmo adquira uma nova compreensão e visão de mundo, o envolvimento com as drogas gera o pertencimento a um grupo (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 56), vale salientar que o “tráfico representa a possibilidade de atingir um status social e obter respeito da sociedade” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 58). Todavia dentro das escolas “imperam nas relações sociais a chamada ‘lei do silêncio’, tão conhecida pelo tráfico e levada para o cotidiano das escolas” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 79). Os jovens sabem quem são os traficantes ou com envolvimento no tráfico e violência, mas mantém o silêncio.

Aprofundando um pouco mais na questão de gangues ou grupos, constata-se que “a formação de gangues se dá, em sua maioria, nos espaços onde a sociedade não tem respostas efetivas, por parte do poder público, para as suas demandas e necessidades” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 5), pode-se dizer que “[...] a gangue serve para os jovens como modo de estabelecer vínculos com seus pares, num mesmo território, e partilhando sentimentos” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 53), gerando aos jovens um sentido de pertencimento a um grupo, este sentimento de pertencimento a um grupo, cria significados e símbolos para os jovens, gerando suas identidades grupais, podendo inclusive levar a práticas consideradas de delinquência, como a violência, não é raro as vezes que o jovem deve agredir fisicamente, psicologicamente ou de outra forma uma outra pessoa ou ela mesma para entrar em um grupo, já que “é no grupo que o jovem busca reconhecimento social, constrói a sua identidade, e manifesta suas ilusões de consumo e de poder” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 49), estas ações de violência contra outros ou si mesmo são valorizados

entre os jovens pois tais atos simbolicamente “valorizam a força, renegam a fragilidade dos outros e de si próprios. Exclui-se o mais fraco, da mesma forma que a sociedade os excluiu” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 53), ora, se foram excluídos da sociedade, quando eles acabam gerando exclusão para outras pessoas, elas estão transmitindo os símbolos que surgiram em sua interação com os demais atores da sociedade.

Também se coloca que muitas vezes em senso comum associam os jovens à chamada “rebeldia”, “os jovens passam a ser associados à rebeldia, condição que é acirrada quando alguns grupos juvenis expressam atitudes que podem ressignificar normas e padrões sociais vigentes” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 48). A violência dos jovens muitas vezes pode ter outras características como uma demonstração de que quer ser escutado, de que ele existe como sujeito, “a violência juvenil pode corresponder, e sob formas variadas, a esforços de afirmação e de participação em um mundo contraditório” (ABRAMOVAY e FEFFERMANN, 2007, p. 48), e é este mundo contraditório que cabe compreender para realizar formas de erradicação de tais símbolos violentos, escutando o jovem, gerando novos símbolos que não tenham o viés da violência.

As relações de sociabilidade passam por mudanças, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de seleção e de exclusão social. Assim, novos dilemas e problema sociais emergem na sociedade, configurando novas questões sociais (SANTOS, 2001), no caso deste trabalho, como vem sendo apresentado, a violência.

Embora muitas vezes se associa a violência com um fator externo ao indivíduo, algo de uma dimensão macro, não “palpável”, tendo o problema sempre lá fora, no outro, mas nunca dentro de si. Assim pode se compreender a violência como uma construção social, uma vez que os próprios jovens reproduzem as discriminações criadas por eles mesmos pelos símbolos gerados pela violência em suas ações sociais. E com isso – constatando que é algo gerado na interação através de símbolos – pode-se criar políticas públicas ou ações culturais para que a violência possa diminuir entre os jovens ou até que não ocorram mais e com isso a juventude possam dar novos significados e sentidos em suas relações sociais, porque analisando a violência como um símbolo surgido na ação social, pode-se trabalhar na formação de outros símbolos, para combater e erradicar a violência.

O importante nesta perspectiva é que não se analise esse fenômeno social em um viés do jovem como um ser puro e inocente, sendo “corrompido” ou atacado por forças externas invisíveis. Mas que ele é tanto sofredor da violência como causador dela, intencionalmente ou muitas vezes não intencional, mas existente em seus símbolos e significados da ação que ele realiza na interação do espaço escolar.

Analisando então a violência no viés da ação social e como um elo de símbolos realizados na interação entre os sujeitos, pode-se tentar construir soluções para a diminuição da violência, a intolerância construindo através de novos signos um local mais solidário aonde é desenvolvido o diálogo. Porque é importante compreender que simplesmente expulsar um ou outro ator responsável pela violência, não estará com isso erradicando a violência. É uma atitude rápida, porém não é a solução. O que deve ser “expulso” são os símbolos que originam a violência - muitas vezes fatores externos a escola - fazendo com que os jovens sintam novamente prazer em estar na sala de aula, criando um sentimento de pertencimento à escola. A primeira de todas as soluções é compreender que “a situação de risco dos jovens diminui na proporção em que eles são expostos às atividades de prevenção” (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 152), cabe portanto a criação de políticas públicas e ações afirmativas de prevenção contra a violência, o que já vem ocorrendo pelos agentes do Estado, importa intensificar essas ações, além de elaborar outras formas. É importante também o desenvolvimento de uma educação voltada para a tolerância, solidariedade e respeito, por parte de todos agentes sociais, demonstrando aos jovens outras formas de interação, gerando novos sentidos em que a violência não é a ação afetiva, uma vez que “a diminuição da vulnerabilidade social e o combate as suas consequências, em especial a violência, passam pela promoção e fortalecimento do capital social intergrupai” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p. 4).

Portanto, para que todos os atores da peça de teatro que chamamos de *sociedade* possam se organizar em prol do problema social que é a violência, para que com isso consigam estimular o imaginário coletivo da juventude, com novas formas simbólicas de ações voltadas em prol da comunidade, do grupo, da reciprocidade. É visto que programas sociais de ONGs ou oriundos das próprias escolas que geram estímulos para a realização de atividades como a música, o teatro e outras atividades sociais tem contribuído para o combate à violência, pois elas geram novos sentidos (e símbolos) para as ações que os jovens desempenham em sua interação com outros atores. Deve-se, portanto estimular os jovens em atividades de lazer e cultura para com isso valorizar a expressão e manifestação cultural do jovem, mas salientando que não fazer isso com uma forma tradicional e metódica com alguém impondo como desenvolver tais atividades culturais, mas sim deixar o jovem organizar e desenvolver as atividades, sendo o agente realizador e criador do significado dessa atividade, fazendo com que eles desenvolvam novos símbolos de interação com outros sujeitos, “além disso, a valorização das formas de expressão tipicamente juvenis, tais como o rap e o grafite, colabora para que, tanto os próprios jovens quanto o resto da sociedade, reconheçam esses atores como capazes de contribuir e construir soluções pacíficas para os conflitos sociais” (ABRAMOVAY e PINHEIRO, 2003, p.3), então é importante a utilização

de novas linguagens, pertinentes aos jovens hoje em dia para atraí-los a novas formas de interação, que deem sentido para eles. Não tratar simplesmente os símbolos dos jovens como algo “rebelde” sem sentido, da mesma forma que se pode introduzir a eles outros símbolos e manifestações culturais. Assim, como também uma nova forma de estrutura escolar para eles, uma vez que

Escolas organizadas, bem cuidadas, com regras claras de comportamento, com segurança no seu exterior e interior, onde existe um clima de entendimento, valorização dos alunos e dos professores, diálogo, sentimento de pertencimento e poder de negociação entre os diferentes atores podem mudar situações críticas. Assim como cultivar os vínculos com a comunidade, abrir as escolas nos finais de semana, para atividades sociais, culturais e esportivas, e ainda contar com a participação ativa dos pais dos alunos pode tornar as escolas espaços mais seguros e novamente respeitados na sociedade (ABRAMOVAY et al, 2003, p. 85).

Com isso, ao mesmo tempo em que estarão estimulando os jovens a construir novos símbolos para suas referências, valores e ações, eles voltarão a sentir-se parte do local e com isso o sentimento de pertencimento voltará à escola. Por fim, vale salientar então que, da mesma maneira que a violência é construída nas relações sociais, ela pode ser “desconstruída” nestas mesmas relações, no momento em que se percebe os símbolos envolventes da violência, pode-se então articular formas para o jovem gerar novos sentidos em suas ações. Destaca-se então a importância de compreender e estudar o local em que ocorre a violência, pois os locais vão possuir sentidos singulares que podem não haver em outro local, seja em outra cidade ou até mesmo outra escola, por isso a importância da compreensão dos símbolos criados nas relações entre os jovens do local a ser analisado. E após esse levantamento, estudar e realizar a elaboração de políticas públicas e ações culturais para a erradicação da violência entre os jovens. Segundo Silva e Salles (2010), um mapeamento sobre a violência escolar revela que as agressões dentro das escolas variam de intensidade em cada estado, os registros de violência que atingem alunos, professores e funcionários, é maior nas escolas públicas, em comparação com a rede privada e nas oitavas séries do ensino fundamental e ensino médio. Cabe, portanto, a compreensão de que tipo de violência existe dentro da escola a ser analisada.

**Referências bibliográficas:**

ABRAMOVAY, Mirian. Violência, Mediação e Convivência na Escola. In: Ministério da Educação. Boletim Salto para o futuro. *Temas contemporâneos em educação*. Ano XVIII, boletim 09 – junho de 2008a.

ABRAMOVAY, Mirian. Escola e violências In: GOMES, Carlos. *Segurança e educação: uma abordagem para construção de um sistema de medidas pró-ativas; preventivas e repressivas coerentes com a realidade da juventude*. Salvador, UNIFACS, 2008b.

ABRAMOVAY, Mirian e FEFFERMANN, Marisa. Se ficar o bicho come, se correr... *Revista Sociologia, Ciência e Vida*. Edição Especial. Ano 1, n. 2. São Paulo, 2007.

ABRAMOVAY, Mirian (org.). *Escola e violência*. Brasília, UNESCO, UCB, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian e PINHEIRO, Leonardo Castro. Violência e Vulnerabilidade social. IN: FRAERMAN, Alicia (org.). *Inclusión Social y desarrollo: presente y futuro de la Comunidad IberoAmericana*. Madri, Comunica, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

BERGER, Peter Ludwig. *Perspectivas sociológicas: Uma visão humanística*. Petrópolis, Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. *Psicol. Soc.*, vol.19, no.1, Porto Alegre, Jan./Apr, 2007.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias*. Educ Pesq, vol.27, n.1, São Paulo, Jan./June, 2001.

SEBASTIÃO, João; ALVES, Mariana Gaió; CAMPOS, Joana. Violência na escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.41, Oeiras, Janeiro, 2003.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula; SALLES, Leila Maria Ferreira. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção. *Educar em Revista*, Curitiba, n° especial 2, 2010.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, Vozes, 2009.

**The Violence as a symbolic link between youth in social relationships within schools**

Abstract: This article plans to bring an analysis and description about the violence as a social link of symbolic character present in everyday social relations of youth people in schools, through processes of socialization internal and external of school. Starting from assumptions to consider social relations as forming signs, the research plans to present that showing violence as a social construction among subjects in interaction, it can also be eradicated through socialization processes of youth among other individuals and social groups.

Keywords: School; Social Interaction; Youth; Violence.